



Jaime Cimenti

Livros

jcimenti@terra.com.br

A Idade Média vista pelas mulheres excluídas

A Idade Média - chamada de Idade das Trevas - ainda é vista como uma época sangüinária, de vikings, santos e reis: uma sociedade patriarcal que oprimia e excluía as mulheres. Estudando e observando melhor, se notará que o período não foi sombrio.

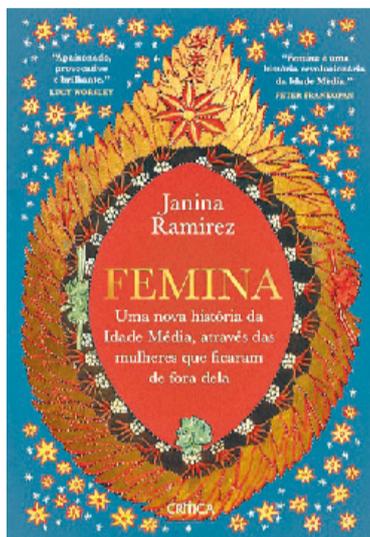
Femina (Editora Planeta, 416 páginas, R\$ 94,00), *best-seller* internacional da professora, escritora, pesquisadora e apresentadora Janina Ramirez, em síntese apresenta, com grande apoio em documentos, leituras e pesquisas, uma nova história da Idade Média, através das mulheres que ficaram de fora dela.

Janina foi atrás das mulheres relevantes na Europa medieval, porque é claro que elas existiram. Janina muda o foco para examinar a Idade Média e vai muito além dos registros oficiais para revelar o verdadeiro impacto de mulheres como Jadwiga, a única rainha mulher

da Europa; Margery Kempe, que explorou sua imagem e história para garantir sua notoriedade; Hildegarda de Bingen, a maior sábia e polímata medieval; e Birka, uma guerreira viking cujo esqueleto havia sido atribuído a um homem, entre outras.

Janina desenterrou documentos históricos onde nomes de mulheres influentes estavam riscados com a palavra femina anotada ao lado. Janina mostra como foram as queimas de livros e a destruição de obras de arte para criar novas versões de mitos, lendas e registros. Os guardiões do passado tentaram manipular nossa visão da Idade Média, mas livros como o de Janina estão aí para novas visões da História e para lidarmos com as questões presentes.

Janina, na introdução, escreveu que não está reescrevendo a história e que usa os mesmos fatos, números, eventos e evidências que estavam aí para



abordar o passado por meio das vidas e histórias de mulheres. Ensina Janina que mudou o foco, colocando personagens femininos, em vez de masculinos, no enquadramento. Como se vê, um livro ousado, original e realizado para encontrar perspectivas inovadoras e ignoradas.

e palavras...

BARÃO DE ITARARÉ NUMA HORA DESSAS?

Definitivamente, para não surtar de vez nessas horas nacional e mundial, só lembrando o saudoso Barão de Itararé, na vida real Aparício Fernando de Brinkerhoff Torelly (1895-1971). Itararé foi uma operação militar planejada durante a Revolução de 1930, que terminou sem confronto, bem à moda brasileira. Torelly, com seu título de nobreza *fake*, homenageou, com sua generosidade, para a posteridade a pompa militar e as falsas grandiosidades da política.

O Barão, nascido em Rio Grande, é o vovô mais querido, inteligente e hilário do humor político no Brasil. Por suas sátiras, ironia, inteligência e ideias políticas, foi preso vários vezes. Numa delas levou uma surra quando estava em Cannes. Quando voltou para a redação do seu lendário jornal *A Manhã*, colocou, com cautela e esperança, na porta, o aviso: "Entre sem bater". Não deve ter adiantado. O aviso deveria seguir atual como o Barão, nesses tempos em que piada pode colocar humoristas no xilindró.

O Barão não era de "centro" e nem de "centrão", mas disse, com sabedoria matreira, só de brincadeira: "Haja o que houver, aconteça o que acontecer, estarei sempre ao lado do vencedor". "Negociata é todo bom negócio para o qual não fomos convidados", "Política é a arte de obter votos dos pobres e fundos dos ricos, prometendo proteger uns dos outros", "A injustiça, num lugar qualquer, é uma ameaça à justiça em todo lugar", "A única coisa que cresce no Brasil é o anão", "A televisão é a maior maravilha da ciência a serviço da imbecilidade humana", "Não

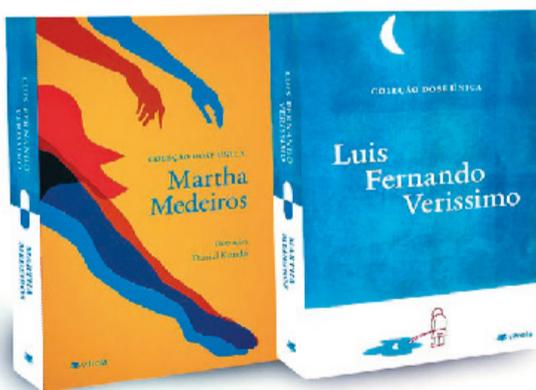
é triste mudar de ideias. Triste é não ter ideias para mudar", "A dúvida é o preço da inteligência", "Quem não muda de opinião é idiota ou está morto", escreveu o Barão.

Nem me pergunte se o Barão é atual. Ele e seus aforismos, frases, mínimas e máximas estão vivos e fulminantes como o sol desta manhã. Disse ele: "Há chácaras que evoluem até chegar ao estado de sítio", "Este é um país que vai pra frente. O problema é que estamos de costas", "Há algo no ar além dos aviões de carreira", mais frases do homem que deve ter perdido muitos amigos, mas com certeza ganhou muitas piadas. O Barão chegou a ser eleito vereador do Rio de Janeiro, mas foi cassado meses depois, após seu partido, o Partido Comunista, ter sido declarado ilegal.

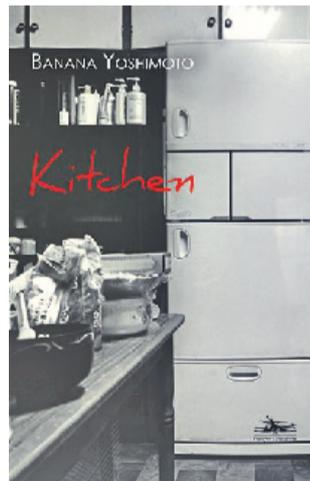
Desde a cassação, 1948, até morrer em 1971, com 76 anos, adoentado, sem medalhas, sem mansão e sem dinheiro e ser velado e enterado com dignidade, na companhia de amigos, colegas de imprensa, pessoas "comuns" e celebridades, o Barão trabalhou, escreveu e deixou uma última piada: "Se for verdade que há vida após a morte, vou tentar publicar um jornal lá também. Mas, por via das dúvidas, deixei umas charges prontas aqui."

Barão foi, mas ficou. Riu por último. Ficou na boca dos descontentes, nas pautas dos cronistas, na internet que ele não conheceu. Morreu sem pompas fúnebres, discurso de político e carro oficial. Sua herança foi a saudável rebeldia, a graça que colocava onde não havia graça e a velha receita de que rir é o melhor remédio.

lançamentos



► **Coleção Dose Única: Martha Medeiros e Luis Fernando Verissimo** (Editora Vitrola, R\$ 119,90) traz, reunidos num box, em dois volumes de 94 páginas cada, textos e poemas dos dois grandes escritores e cronistas, em edição encadernada, com belas e modernas ilustrações em cores de Daniel Kondo e de Luis Fernando Verissimo.



► **Kitchen** (Estação Liberdade, 176 páginas, R\$ 56,00), de Banana Yoshimoto, romance lançado originalmente em 1988, foi o ingresso da autora como um dos maiores nomes da literatura japonesa atual. Na narrativa a jovem órfã, na cozinha, convida-nos a abraçar a nossa solidão. No volume está também o conto *Moonlight Shadow*, tratando de luto e do último adeus.

► **Cidade Partida – 30 anos depois** (Editora Pallas, 224 páginas, R\$ 63,00), com organização de Elisa Ventura, Isabella Rosado Nunes e Mauro Ventura, traz artigos e entrevistas sobre o antológico livro *Cidade Partida*, do grande escritor e jornalista Zuenir Ventura. O Rio de Janeiro, suas belezas, suas feiuras, suas inseguranças, caminhos e descaminhos são abordados com paixão, objetividade e intensidade.



a propósito...

Sempre vou lembrar do que o grande escritor, jornalista e ativista político israelense Amos Oz, grande pacifista, disse em Porto Alegre: as melhores pessoas são as curiosas e as bem-humoradas. Fanáticos, radicais e mal-humorados não interessam. Só interessam para a que a gente veja como é que não devemos ser, pensar e agir.

São exemplos negativos, seres que contaminam a vida, as relações e o planeta. Melhor ser Charlie Chaplin, chorar das próprias dificuldades e trapalhadas disfarçando as lágrimas na chuva e seguindo adiante feito um Johnnie Walker, na direção do infinito. Obrigado por tudo Barão, mestre, muso e inspirador. (Jaime Cimenti)